TRIVIIS
Anais de **Conferências** e **Mesas** de **Debates** do
Seminário Internacional de Pesquisas
em **Midiatização** e Processos Sociais

Para pensar: matriz de midiatização, interfaces e as classificações sociais[1]

To ponder: mediatization matrix, eas interfaces, and social classifications

Jairo Ferreira[2]

Resumo: A partir das epistemologias do Sul (Veron), construímos uma matriz de inteligibilidade visando pesquisas em midiatização. Este modelo articula três tópicas de Veron: circulação e semiose; fluxos entre instituições, meios e atores; a midiatização como processo de diferenciação da espécie, pela potência em materializar experiências mentais. Acrescentamos neste modelo o eixo do poder e classificações sociais. A partir deste modelo, a segunda seção, discutimos as interfaces com outras correntes de pesquisa em midiatização. Na terceira seção, focamos na reflexão sobre as classificações sociais como parte dos processos de midiatização.
Palavras-chave: matriz-midiatização; circulação, semiose e fluxos; meios materiais; poder e classificações sociais.

Abstract: Based on the epistemologies of the South (Veron), we constructed na intelligibility matrix aiming at research on mediatization. This model articulates three of Veron's topics: circulation and semiosis; flows between institutions, media and actors; mediatization as a process of differentiation of the species, due to the power to materialize mental experiences. We added the axis of power and social classifications to this model. Based on this model, in the second section, we discuss interfaces with other research streams in mediatization. In the third section, we focus on reflecting on social classifications as part of mediatization processes.

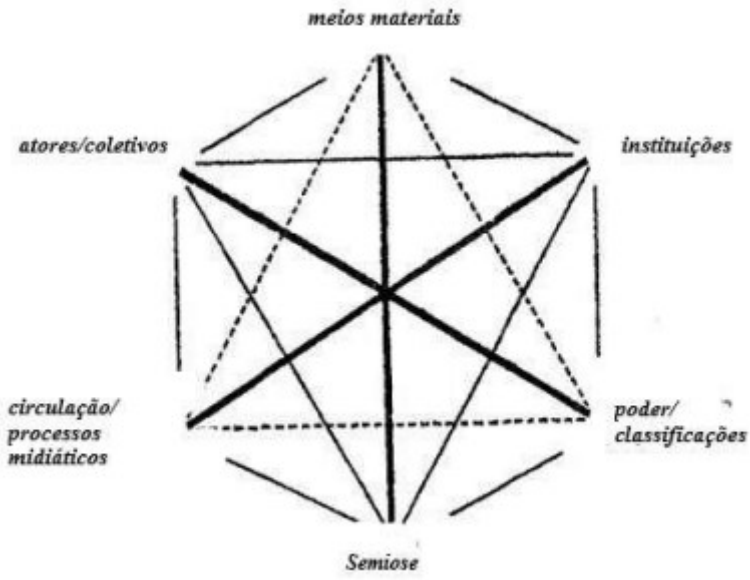
[1] Conferência apresentada no VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFSM e ECA-USP na "MESA 1 — Classificações sociais: entre exclusões e igualdades tentativas".
[2] Prof. POSCOM-UFSM. Pesquisador visitante PPGCOM-ECA-USP. ORCID: 0009-0008-0197-5412. Email: jairoferrei@gmail.com.

Keywords: matrix-mediatization; circulation, semiosis and flows; material means; power and social classifications.

1. Introdução: uma matriz para pensar a midiatização e interfaces na linhagem

Partimos de um diagrama que reúne três tópicas nas teorizações de Verón sobre a midiatização (Ferreira, 2024). Denominamos como primeira tópica, suas elaborações sobre a circulação e semiose (Verón, 1985, 1989); segunda tópica, sua formulação sobre o conceito de midiatização (1997); a terceira, sobre a midiatização como processo que começa "desde um primeiro estágio de semiose humana", e como consequência "da exteriorização dos processos mentais". Um dos eixos de nosso diagrama é poder e classificações sociais, é acrescentado por mim, inclusive no sentido de problematizado no contexto do VI Seminário Midiatização.

Figura 1 - Hexágono



Fonte: Elaboração do autor, a partir de (Blanche, 2012).

A problematização da circulação é inferida a partir das pesquisas em comunicação, especialmente nos Estados Unidos (estudos de mensagem, as teorias da informação e cibernéticas, os estudos de efeitos, a escola funcionalista). Mas também é problematização da herança estruturalista (semiologia francesa e análise do discurso),

situando essa no âmbito dos processos midiáticos. Se as pesquisas norte-americanas ficaram presas na análise de conteúdo, as francesas custaram a superar a análise do signo.

Ou seja, Verón, nas interfaces, traz novas correntes epistemológicas e metodológicas (a semiótica, o discurso, o conceito de dispositivos, operações) e problematiza de forma inovadora os estudos de produção, de meios e de recepção, para construir a circulação como objeto de pesquisa (Verón, 1985, 1989). Essa problematização está representada em nosso modelo nas relações entre semiose, processos midiáticos e circulação.

O terceiro eixo, abaixo e à direita, não é presente nas formulações de Verón. É uma formulação que desenvolvemos, de forma mais acentuada recentemente, em artigos sobre semiose e poder (Ferreira, 2022) e semiose e classificações sociais (2024b, 2024c). Nestes artigos, desenvolvo o argumento de que a relação entre semiose, poder e classificações é inerente à semiose social. O poder é, assim, luta pela classificação do ambiente, natural e social, designando valores aos signos construídos e os disponíveis na natureza. Se a classificação social é central na obra de Levi-Strauss, a perspectiva da classificação como poder se aproxima às formulações de Bourdieu. Trata-se, portanto, de suspeitar dos valores e sistemas classificatórios como universais. Neste sentido, os processos midiáticos, inclusive a circulação, são atravessados também pelo poder e classificações sociais.

Sem este eixo, a midiatização como formulação teórica é uma presa fácil de apropriações administrativas e funcionalistas. Com este eixo, se aproxima de teorias críticas, sem também ficar refém das teorias críticas que focam nos sistemas de produção, cultura e de massa e ideologia, pois os eixos semiose e circulação ultrapassam os limites desses conceitos, operadores na elaboração crítica.

Na parte superior do diagrama, os eixos-relações (de forma simplificada) se referem às primeiras formulações de Verón sobre a midiatização (Verón, 1997), posteriores a suas questões e hipóteses sobre a circulação como abordagem para os processos midiáticos. No ápice do triângulo superior, quando nos referimos a meios materiais, estamos também interpretando a midiatização como materialização da experiência mental (Verón, 2014), em forma de signos materiais, incluindo os signos lógicos, matriz que opera a semiose, em mutações abissais entre ícone, índice e símbolo.

É essencial que se considere, como afirmamos acima, que a "máquina semiótica" não é um aparelho neutro, mas turbinado pela disputa classificatória, ou seja, pelo poder. Nesse sentido, meios são signos materiais em movimento e movimentadores, que alteram a escala, conexão e intensidade (tempo e espaço) do poder. Um meio material em si não assegura a sua força no processo de midiatização; esta acontece na medida da institucionalização. A relação entre semiose e meios materiais é dupla: por um lado, especular; por outro, trata-se de represamentos da própria semiose.

Os meios materiais, em suas relações com instituições (constituindo e constituídos por instituições midiáticas, na forma de discurso e outras materialidades, mas também se referindo a instituições não especificamente midiáticas), somam em determinadas direções classificatórias e, portanto, consolidam poderes instituídos (comoditização da vida social – Agha, 2011). O outro polo, de atores e coletivos, recorrendo a sobras abissais da semiose, se insere, também em articulações com os meios materiais, nas lutas de acesso, usos e apropriação, indissociáveis das disputas classificatórias entre si e no sentido de transformarem as instituições ou construírem novos meios materiais (outros poderes, novas lógicas, novas semioses, novas instituições).

Essas formulações não perdem potencial explicativo mesmo se considerarmos a hipótese de que a midiatização pertence a um longo ciclo histórico, conforme o artigo de Verón (2014), ou se a problematizamos no contexto das origens dos discursos sociais ou da atual discussão da hipermidiatização, e de novos meios (agenciados por IA e Algoritmos) em plataformas.

Está subjacente ao núcleo reflexivo acima a compreensão da midiatização como um processo gerador da diferenciação do espaço público, privado e instituições (direito, religião, estado, exércitos, por exemplo), construção de meios-dispositivos que, ao mesmo tempo, "conectam" atores e instituições não midiáticas emergentes, acionados mutação de indivíduos em novos coletivos sociais (da ágora aos eleitores, às redes de resistência etc.), ou seja, a transformação de atores em vínculos grupais nas interações midiáticas.

A semiose social é a fonte do processo. Isso sugere que é necessária a análise semiótica para a compreensão da circulação e dos fluxos midiáticos diferenciadores e diferenciados do espaço público, indicando que a semiose é um fato (ontológico) e, ao

mesmo tempo, uma episteme. Nesta seara epistemológica, um amplo debate sobre como compreender a linguagem como mediação nas interações e comunicação. A perspectiva peirceana, em convergência com Verón, é um caminho que consideramos mais promissor do que outras tentativas para a compreensão da circulação e da diferenciação do espaço público. Trata-se de compreender a língua e o discurso no âmbito da semiose e circulação e não especificamente a língua e o discurso. Nesse sentido, trata-se de ir além da semiologia francesa e das análises do discurso.

***

A partir destas relações, a midiatização pode ser historicizada e compreendida atualmente como também transitória – isto é, não é apenas a repetição de relações passíveis de análise diacrônica e sincrônica, mas também requer a compreensão de rupturas, inovações, conforme contextos sociais e temporais em análise, demandando novas epistemologias e metodologias. Essa historicização não deve contemplar apenas os meios, como é muito feito no campo de estudos em comunicação, que relacionam meios (escrita, imprensa, rádio, televisão etc.) e processos sociais em vários períodos históricos.

Se é verdade que o uso do termo "meio" facilita localizações para o debate, as interpretações acabam abstratas, pois rádio, televisão etc. não explicam, por si só, sociedades em termos culturais, econômicos e políticos, e nem a comunicação. Por outro lado, deve-se refletir sobre qual o alcance da midiatização para a compreensão dos processos sociais, que será maior se as referências ultrapassam os limites das teorias dos meios.

Assim, não basta desencavar os meios para a compreensão da midiatização (embora esse desafio epistemológico e metodológico – estudar os meios – informe muitos achados para a pesquisa em midiatização). A diferenciação dos processos mediados (d)e comunicação está também relacionada à diferenciação dos meios materiais, mas em relações matriciais, de mútuos condicionamentos e possibilidades, que considere observações e questões em cada eixo, e suas relações possíveis.

Considerar essas complexas relações nos permite compreender a midiatização como um processo socialmente construído e não só construtor da vida social. Esta perspectiva insere o processo de institucionalização como também de constante

reconfiguração do ambiente institucional (instituições midiáticas e não midiáticas) – mas, de forma diversa da corrente institucionalista do "norte", num processo de construção e mutações, especialmente pelos: direcionamentos auspiciados pelos coletivos que se constituem nas interfaces entre meios, instituições e atores previamente existentes; transformações na semiose social e nos processos comunicacionais-midiáticos; e novas relações de poder e classificações sociais.

2. As interfaces

Por "interface", nos referimos a quatro possibilidades no campo epistemológico da comunicação (2004). A primeira é a interface entre o campo e as teorias sociais (sociologia, antropologia, psicologia e afins) e teorias da linguagem (teorias do signo, do discurso e afins) com a comunicação. A segunda interface se refere ao midiático (teoria das mídias; epistemologias da midiatização, cibercultura, mediações, entre outras possíveis, orgânicas ou não). A terceira interface diz respeito às relações entre as correntes que se desenvolvem na pesquisa em uma linhagem (no caso, nosso foco é a midiatização). A quarta é relativa a meta-teorizações, de caráter especulativo, onde situamos a pergunta: o que, na linhagem em midiatização, é comunicação?

Todas essas interfaces podem ser produtivas, mas nosso foco é principalmente a terceira interface e, também, de forma subordinada, os questionamentos e hipóteses inferidas a partir da quarta interface (o que há de comunicação na pesquisa em midiatização). Essa escolha é construída na crítica de que ainda não teríamos rompido com as ciências sociais aplicadas (embora seja observável, ainda, um eterno retorno ao útero). Argumentamos que este "aprisionamento" ao cordão umbilical é, hoje, mais institucional do que epistemológico, em particular no caso do Brasil.

Não somos avaliados, em nossas pesquisas, projetos, produção bibliográfica etc., por sociólogos, psicólogos, antropólogos, cientistas políticos etc., como ocorre em outras experiências nacionais. Nem por linguistas. A área no Brasil, em termos acadêmicos-epistemológicos, tem pernas próprias, já caminha com seus próprios critérios sobre o que é pesquisar no campo.

As linhagens de pesquisa no campo epistemológico da comunicação – mediações, midiatização, semiose social e cibercultura, por exemplo – são vias de distanciamento dos

úteros, rupturas de cordões e aproximação às pesquisas em comunicação. Estas pesquisas estão vinculadas ao histórico do campo da comunicação nos EUA, Alemanha e França, ao mesmo tempo em que superamos essas origens já situadas no campo da comunicação institucional.

***

Na perspectiva acima argumentada, a busca de interfaces entre as correntes na linhagem da midiatização é o caminho mais produtivo para a pesquisa que propomos. Partimos das pesquisas realizadas pelos pares – o que é sempre necessário (partir de suas formulações individuais e coletivas em curso) – para pensar essa interface.

De forma diagramática, a corrente construtivista tem como objeto as relações entre atores, coletivos e meios materiais (isso me parece bem acentuado em Goran, 2016). A interface com essa corrente na linhagem em midiatização do Norte e do Sul já está em construção em vários textos. Os artigos de Goran (2024) e de Carlon (2024), no livro Plataformas, Algoritmos e IA - Questões e Hipóteses Na Perspectiva da Midiatização (2024), são aproximações promissoras entre as correntes construtivistas e as abordagens do Sul, no caso conforme a corrente semio-antropológica (Carlon). Essas conversações estão possibilitadas nas relações entre circulação, construção de coletivos e meios-dispositivos.

As interfaces com a corrente institucionalista ainda estão por fazer. Essa, no diagrama inicial, corresponde ao eixo superior direito em relação com os meios. Essa relação define a midiatização como um processo contemporâneo, correlato à revolução industrial e ao capitalismo, incluindo os processos relativos à mercantilização da informação e comunicação. Isso aproximaria a perspectiva institucionalista à abordagem de Grenoble (Miège, 2016).

As interfaces com correntes tecno-discursivas do Sul (Ada Silveira e Aline Dalmolin[3]) estão em construção. Essas abrangem os eixos do diagrama, com exceção da semiose, incluindo a ausência, nessas correntes, de uma teoria do signo em suas

[3] Ver Plataformas, algoritmos e IA: questo es e hipo teses na perspectiva da midiatizaça o. Jairo Ferreira; Ada Machado Silveira; Viviane Borelli Aline Dalmolin; Ana Paula da Rosa; Isabel Lo fgren. (Org.). 1ed.SANTA MARIA: FACOS, 2024b, v. 1, p. 1-15.

formulações. É importante estudar e refletir sobre as relações entre essa ausência e processos de inferência diferenciados ou convergentes.

A mais complexa das interfaces é com correntes que se constroem com base no método especulativo. Esta denominação, "método especulativo", é nossa. Com isso, nos referimos às reflexões que se aproximam da filosofia, mas também são evidentes nas ciências da sociedade (e da linguagem). Denominamos assim os métodos de pesquisa que realizam inferências sem objetos empíricos específicos, numa relação aparentemente ambígua, pois também têm relação com o empírico, numa zona que não é dedutiva nem indutiva. Aproximam-se, assim, de elaborações metateóricas (José Luiz Braga, Lucrécia Ferrara, Luiz Signates e Pedro Gilberto Gomes)[4].

Essas se referem a dois eixos (proposições ou conceitos) não abrangidos no diagrama: ambiente e comunicação. Os dois eixos remetem a interfaces produtivas. A interface com as inferências especulativas é essencial, inclusive no sentido de situar a midiatização e suas contribuições para a construção da identidade do campo da comunicação.

3. Classificações sociais e midiatização e comunicação

De Marx – as classes sociais – a Bourdieu, passando por Lévi-Strauss, as classificações sociais se constituem num dos operadores centrais para a compreensão das diferenciações e diferenças sociais (culturais, econômicas e políticas). Essas são abordagens robustas que evidenciam que as classificações sociais não são fenômenos contemporâneos. Pelo contrário, são processos inerentes à espécie humana. Em artigos publicados também em 2024 (Ferreira, 2024a, 2024b), argumento sobre as relações entre o binarismo e as classificações antropológicas (desde o nascimento da diferenciação da espécie em relação a outras espécies da natureza) e a inteligência artificial e algoritmos. A conclusão essencial é de que a midiatização é uma construção social que se materializa, atualmente – em plataformas, algoritmos e inteligência artificial – em esquemas

[4] Ver Plataformas, algoritmos e IA: questo es e hipo teses na perspectiva da midiatizaça o. Jairo Ferreira; Ada Machado Silveira; Viviane Borelli Aline Dalmolin; Ana Paula da Rosa; Isabel Lo fgren. (Org.). 1ed.SANTA MARIA: FACOS, 2024b, v. 1, p. 1-15.

originados na diferenciação, classificação e binarismo da espécie relativamente a outras espécies da natureza.

As classificações sociais são constitutivas de comunidades de pertencimento, comportamentais (Agha, 2015), e centrais nos mútuos reconhecimentos constitutivos de coletivos, antes de serem materializadas em signos, discursos, mapas e territórios (Ferreira, 2024a, 2024b). A materialização dos signos que incorporam as classificações sociais tensiona a comunicação, na medida em que sustenta a institucionalização das relações de poder (simbólico, como disse Bourdieu).

Nesta perspectiva, a reprodução das classificações sociais não deriva, em si, da semiose social, dos processos midiáticos e da comunicação, mas da materialização dos signos, discursos, mapas e territórios sociais, subjacente à institucionalização inclusive em meios, que demandam reconhecimento e exercício das classificações sociais que sugerem como referências da vida social. Mas, ao mesmo tempo, a semiose, a comunicação e os processos, através de atores que se constituem em coletivos, tensionam as classificações instituídas e os meios materiais, por novos cenários e correlações.

Referências

AGHA, Asif. Chronotopic Formulations and Kinship Behaviors in Social History. *Anthropological Quarterly*. Vol. 88, No. 2 (Spring 2015), pp. 401-415 (15 pages).

BATESON, G. The logical categories of learning and communication. In: BATESON, G. (Ed.). *Steps to an ecology of mind*: Collected essays in anthropology, psychiatry and epistemology. London: Paladin, 1973.

BATESON, G.; RUESCH, J. *Communication et société*. Paris: Seuil, 1988.

BLANCHÉ, Robert. *Estruturas Intelectuais*. Editora: Perspectiva. 2012.

BOLIN, Goran. *Media Generations. Experience*, identity and mediatised social change. Routledge, 2016.

BOLIN, Goran. Nunca Fomos Midiatizados: Reflexões Sobre as Relações entre as Abordagens Latino-Americana e Europeia da Midiatização . In: Jairo Ferreira; Ada Machado Silveira; Viviane Borelli Aline Dalmolin; Ana Paula da Rosa; Isabel Löfgren. (Org.). *Plataformas, algoritmos e IA*: questões e hipóteses na perspectiva da midiatização. 1ed.SANTA MARIA: FACOS, 2024b, v. 1. P. 195-308.

BRAGA, José Luiz. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação. *CONTRACAMPO* EDIÇÃO ESPECIAL / NÚMERO DUPLO, 2004.

CARLON, Mario. Sobre La Hipermediatización Como Proceso y las Sociedades Hipermediatizadas Como Resultado. Un Enfoque no Antropocéntrico. In: Jairo Ferreira; Ada Machado Silveira; Viviane Borelli Aline Dalmolin; Ana Paula da Rosa; Isabel Löfgren. (Org.). *Plataformas, algoritmos e IA*: questões e hipóteses na perspectiva da midiatização. 1 ed. SANTA MARIA: FACOS, 2024b, v. 1. Pg. 267-294

FERREIRA, Jairo. A construção de casos sobre a midiatização e circulação como objetos de pesquisa: das lógicas às analogias para investigar a explosão das defasagens. *Galáxia*, PUCSP, v. 33, p. 199-213, 2016.

FERREIRA, Jairo. Algoritmos: o entre ser matéria e forma cultural: a circulação como desafio às simulações em mapas, territórios e classificações sociais. In: FERREIRA, Jairo; BOLIN, Göran; SILVEIRA, Ada C. Machado da; LÖFGREN, Isabel (org.). *Midiatização sul e norte:* perspectivas epistemológicas e empíricas no Brasil e na Suécia Porto Alegre: SULINA, 2024c. v. 1, p. 47-62.

FERREIRA, Jairo. Campo acadêmico e epistemologia da comunicação. In: André Lemos; Angela Pryston; Juremir Machado da Silva; Simone Pereira de Sá. (Org.). Mídia.br. *Livro da XII Compós - 2003*. 1ed.Porto Alegre: Sulina, 2004, v. 1, p. 115-129.

FERREIRA, Jairo. Campo acadêmico e epistemologia da comunicação. In: André Lemos; Angela Pryston; Juremir Machado da Silva; Simone Pereira de Sá. (Org.). Mídia.br. *Livro da XII Compós - 2003*. 1ed.Porto Alegre: Sulina, 2004, v. 1, p. 115-129.

FERREIRA, Jairo. Midiatização, Circulação e Semiose Social: Referencias Para Análise Crítica de Plataformas e Algoritmos. In: Jairo Ferreira; Ada Machado Silveira; Viviane Borelli Aline Dalmolin; Ana Paula da Rosa; Isabel Löfgren. (Org.). *Plataformas, algoritmos e IA*: questões e hipóteses na perspectiva da midiatização. 1ed.SANTA MARIA: FACOS, 2024b, v. 1, p. 1-15.

FERREIRA, Jairo. O Conceito de midiatização em Verón: pistas para acompanhar um giro epistemológico. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO. *Anais do 33° Encontro Anual da COMPÓS*, 2024, Niterói. Anais... São Paulo: Galoá, 2024a. v. 33, p. 1-15.

FERREIRA, Jairo. Semiose midiatizada e poder: interfaces para pensar os meios algorítmicos. In: FERREIRA, Jairo; ROSA, Ana Paula; GOMES, Pedro Gilberto; FAUSTO NETO, Antônio; BRAGA, J. L. (org.). *Sapiens midiatizado*: conhecimentos comunicacionais na constituição da espécie. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2022. v. 1, p. 213-236.

FOUQUIER, É. e VERON, É. *Les spectacles scientifiques télévisés*. Figures de la production et de la réception, Paris, Ministère de la Culture-la Documentation Française, 1985.

FULGENCIO, Leopoldo. As especulações metapsicológicas de Freud. *Natureza Humana* 5(1): 129-173, jan.-jun. 2003

HJARVARD, S. A midiatizacao da cultura e da sociedade. San Leopoldo, Brasil: Unisinos, 2014.

Juan Martín Ruiz-Werner, de Deduction, Induction and Hypothesis (1878). Buenos Aires: Aguilar, 1970, p. 65-90. Corresponde a W 3. 323-338

KEANE, W. On semiotic ideology. *Signs and Society*, v. 6, n. 1, p. 64-87, 2018.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976b.

MIÈGE, Bernard; FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antonio; BITTENCOURT, M. C. J. A. (org.). *Operações de midiatização*: das máscaras da convergência às críticas ao tecnodeterminismo. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2016. 346 p.

O'CONNELL, C.; VAN DE WIELE, C. Primed Prediction: A Critical Examination of the Consequences of Exclusion of the Ontological Now in AI Protocol. In: VERDEGEM, P. (ed.). *AI for Everyone?* Critical Perspectives. London: University of Westminster Press, 2021. p. 183-201.

PEIRCE, C. S. (1901). *Sobre la lógica de la extracción de la historia a partir de documentos antiguos, especialmente de testimonios*. Trad. de Douglas Niño. Disponible en: http://www.unav.es/gep/Peirce-esp.html.

PEIRCE, C. S. *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Hartshorne, Charles (ed.); WEISS, Paul (ed.); 1930-1935. Burks, Arthur (ed.); 1958. Harvard University Press, Cambridge, MA, 1958.

PEIRCE, Charles. *Deducción, inducción e hipótesis*. Traducción castellana y notas de

VERÓN, E. Esquema para el análisis de la mediatización. In: *Diálogos de la comunicación*, Lima: Felafacs, n. 48, 1997.

VERÓN, E. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. *MATRIZes*, v. 8, n. 1, p. 13-19, 2014.

VERÓN, E.; LEVASSEUR, M. *Ethnographie de l'exposition*: l'espace, le corps et le sens. Paris: Centre Georges Pompidou, 1989.

VERÓN, Eliseo *La semiosis social*: Fragmentos de una teoría de la discursividad. Barcelona: Gedisa, 1987. (Colección El mamífero parlante).